



de venderem toda a sua produção, vemos, também, decrescer gradualmente a nossa quota no consumo mundial, além de termos, periodicamente, de enfrentar graves crises e isto porque grande parte da nossa safra não se enquadra no gosto dos consumidores.

Nunca houve superprodução de cafés de boas qualidades. O Brasil produz em demasia cafés de tipo muito baixo, ou de bebida «dura», ou de gosto «Rio», e a procura de tais cafés tem a indistinctível tendência de diminuir de ano para ano.

A campanha do Instituto Brasileiro do Café, visando à melhoria dos nossos métodos de exploração da cafeicultura, merece por isso o aplauso incondicional e deve ser acolhida pelos produtores como uma necessidade de ordem patriótica.

O Brasil está em situação particularmente favorável para produzir excelente café, de terreiro ou despolpado, capaz de dar absoluta satisfação ao mais exigente consumidor.

É imperiosa, no momento, a produção de cafés finos. Não é apenas um dever patriótico. O lavrador que desejar prosperar, acompanhar o ritmo geral de progresso, tem que olhar carinhosamente para a qualidade de seu produto.

Os nossos cafeicultores estão já a esta altura plenamente capacitados dos nobres propósitos do governo federal ao desencadear a campanha pela melhoria da produção cafeeira no Brasil. De um lado, o poder público, através de medidas do mais profundo alcance, vem dando o máximo apoio a

esse movimento. Assim é que decretou a aplicação de vastos recursos financeiros nas operações de defesa do mercado de café; no financiamento de operações destinadas à renovação e implantação da cafeicultura racional, à compra ou instalação de aparelhamento para a melhoria das qualidades do café ou na instalação de serviços gerais de assistência ao trabalhador das propriedades cafeeiras; no financiamento da aquisição de adubos, inseticidas, tratores, máquinas, implementos e veículos destinados à agricultura. Fixou mais o governo novo regime de pagamento de prêmios e de compras de café nos portos, com altas vantagens para os que melhor produzirem. De outro lado, o Instituto Brasileiro do Café proporcionando assistência técnica, ensinamentos e promovendo uma pregação através de todos os meios da divulgação das vantagens e da necessidade de nos encaminharmos para a produção dos cafés de qualidade.

Felizmente, a esse esforço em favor do desenvolvimento de nossa cafeicultura em bases racionais e progressistas, vem correspondendo o nosso produtor. Brevemente, esplêndidos resultados coroarão a campanha.

EXEMPLOS DO PASSADO

A reportagem, em palestra com técnicos que há muitos e muitos anos se batem pela consecução desse patriótico objetivo, pode consignar, em resumo, que: no Espírito Santo, o agrônomo Benvindo de Novais obteve contingentes de cafés que rivalizavam com os melho-

A cafeicultura dá muito trabalho e é onerosa. Mas, obtendo cafés de boa qualidade, o lavrador tem assegurado para seu produto bom preço, além de livrar-se do problema, da colocação de suas safras. O Brasil marcha para a produção paulatina e exclusiva de cafés de qualidade mais nobres. No clichê, mudas de cafeeiro, selecionadas, para futura produção de cafés finos

res do mundo; no Paraná, quando ali se iniciou a corrida para a cafeicultura, outro agrônomo, Hélio Raposo, mostrou aos lavradores seqüiosos de produzir mercadorias de que o mercado mundial de consumo carecia que era fácil e possível obtê-la naquelas terras; em Pernambuco, Raimundo Martins provou na prática que, plantando o café segundo os preceitos técnicos e subordinando as operações durante e após a colheita a rigorosas prescrições — o café conseguido seria de imediata aceitação pelas mais altas cotações.

NADA TEMOS A APRENDER

São os exemplos acima alguns dos milhares que citamos de passagem ao manusear parte de um relatório, elaborado há algum tempo, mas de flagrante atualidade. Trata-se do capítulo dedicado pelo engenheiro-agrônomo C. A. Krug, do Instituto Agronômico de Campinas, às observações que fez sobre a experimentação cafeeira e à expansão dessa cultura na Colômbia, algumas regiões da América Central e México. As apreciações desse conceituado técnico mostram como se procede entre nossos concorrentes à tarefa de aperfeiçoar o plantio, o cultivo, a poda, a colheita e o benefício do café. Diferem de nós outros apenas na tenacidade, no esforço maciço e na constante execução de um programa que, tanto para eles como para nós, é vital para o engrandecimento econômico.

Depreende-se dessa consulta ao documento do agrônomo Krug, que é uma das mais brilhantes figuras do esplêndido centro de estudos que é o Agrônomo de Campinas, que o Brasil pouco ou nada tem a assimilar em outros centros, no domínio da técnica, no que tange ao aperfeiçoamento de seus métodos de explorar a cafeicultura. Apenas uma lição eles nos podem dar: é que nossos concorrentes aplicam os métodos, compulsoriamente ou não, mas tiraram em apresentar um produto de boa qualidade.